

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A crítica

Class.: Deni 13

Data: 25.03.92

Pg.: _____

Sarampo já matou 55 índios Kulina e Deni



Os índios estão sendo atendidos pela FNS

O sarampo, que já matou 55 índios Kulina e Deni entre dezembro do ano passado e fevereiro deste, apresentou um novo surto que mobilizou a ida de outra equipe para a região do município de Carauari e Itamarati. A informação foi dada ontem pelo administrador regional substituto da Fundação Nacional do Índio no Amazonas, Dinart Nobre de Madeiro, que assumiu nos últimos dias o posto.

Dinart disse que uma equipe com médicos da Fundação Nacional de Saúde-FNS, pessoal do Cimi e Funai já foi nesta última quinta-feira dar prosseguimento ao trabalho de vacinação e atendimento aos doentes. Desde dezembro do ano passado, o sarampo ataca os índios Deni e Kulina, naquela região. A distância das aldeias dificulta o acesso na região e por isso, não se tem maiores informações sobre os últimos acontecimentos na área, segundo informou o administrador.

Há 22 anos trabalhando na

Funai e há cerca de seis com os índios Yanomami, ele estava na operação de retirada dos garimpeiros das áreas desses índios, quando foi transferido para o Amazonas. Dinart diz que cerca de 45% das terras já foram demarcadas e que a operação mantém hoje vigilância constante na área indígena em 17 postos espalhados no estado de Roraima. São ao todo, segundo ele, 1.700 quilômetros de perímetro a serem percorridos e fiscalizados nos quase 15 milhões de hectares de terras dos Yanomami. O administrador revela por exemplo, que ainda 99% desses índios não falam português e estão sofrendo todas as consequências das invasões dos garimpeiros desde o início da década de 80. 'As áreas onde funcionaram garimpagem como Paapiú e Mucajá e o estado de saúde dos Yanomami é frágil', avisa Dinart, que contabiliza dos seis últimos conflitos ocorridos entre garimpeiros e índios ocorridos nos últimos anos e com o advento do sarampo, cer-

ca de 137 morreram ou vítimas da doença ou da violência em 1991, segundo dados da Fundação Nacional de Saúde.

A demarcação, segundo o administrador, só terá algum resultado prático, se forem mantidas as vigilâncias nos postos, pois ainda é possível avistar aeronaves de garimpeiros em algumas áreas, embora cerca de 5.000 homens já tenham sido expulsos das terras Yanomami pela operação. Dinart observa que em algumas áreas já é possível verificar a volta dos índios a atividades como a agricultura de subsistência, que era comum antes da chegada dos garimpeiros. Eles voltaram a plantar algodão, mandioca e cana de açúcar, mas algumas atividades como a pesca estão impossíveis por causa da poluição dos rios. 'Serão necessários muitos anos para que eles possam recuperar-se da violência de que foram vítimas com a presença dos garimpeiros, mas o início da demarcação representa um bom começo', diz o administrador.